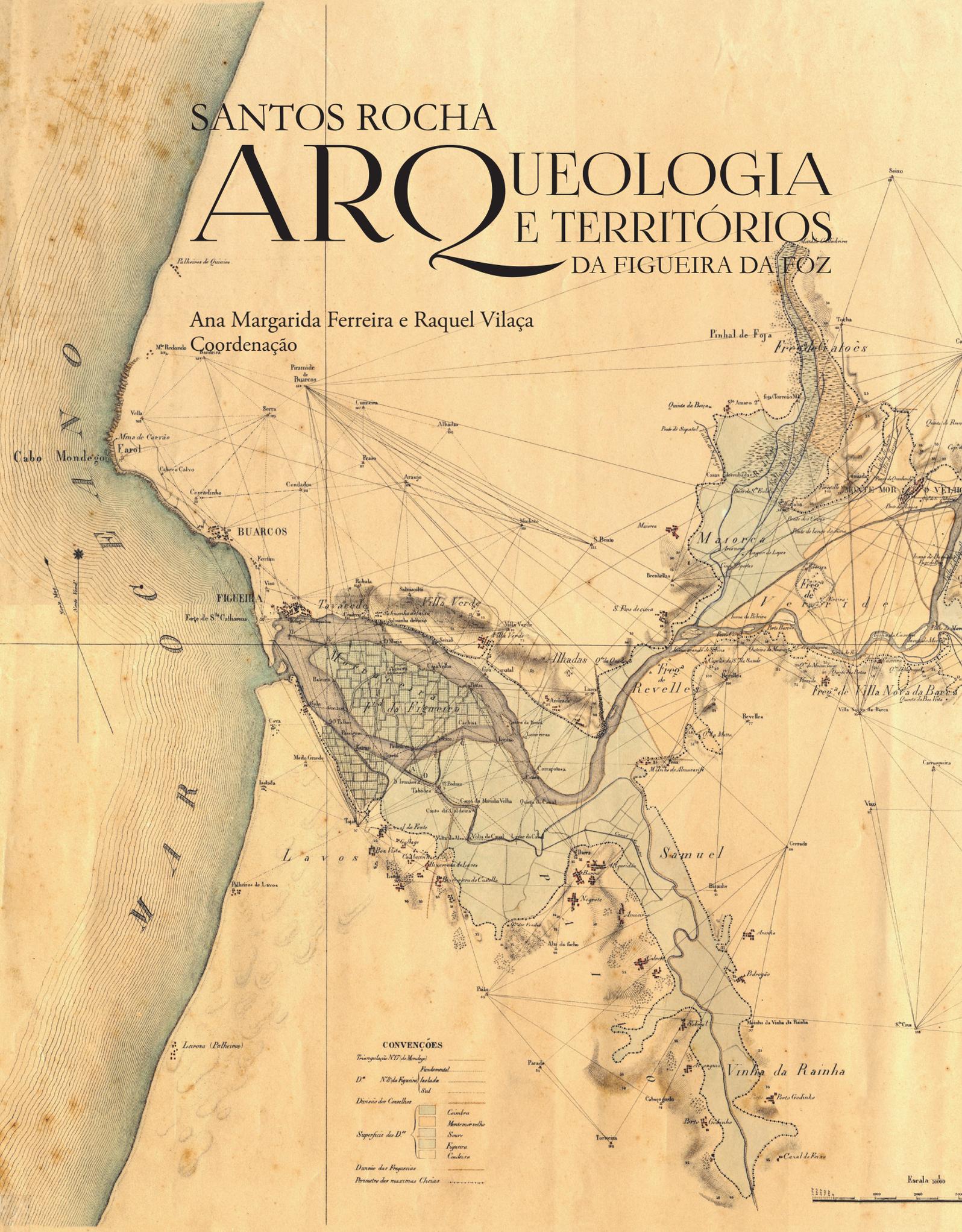


SANTOS ROCHA

ARQUEOLOGIA E TERRITÓRIOS DA FIGUEIRA DA FOZ

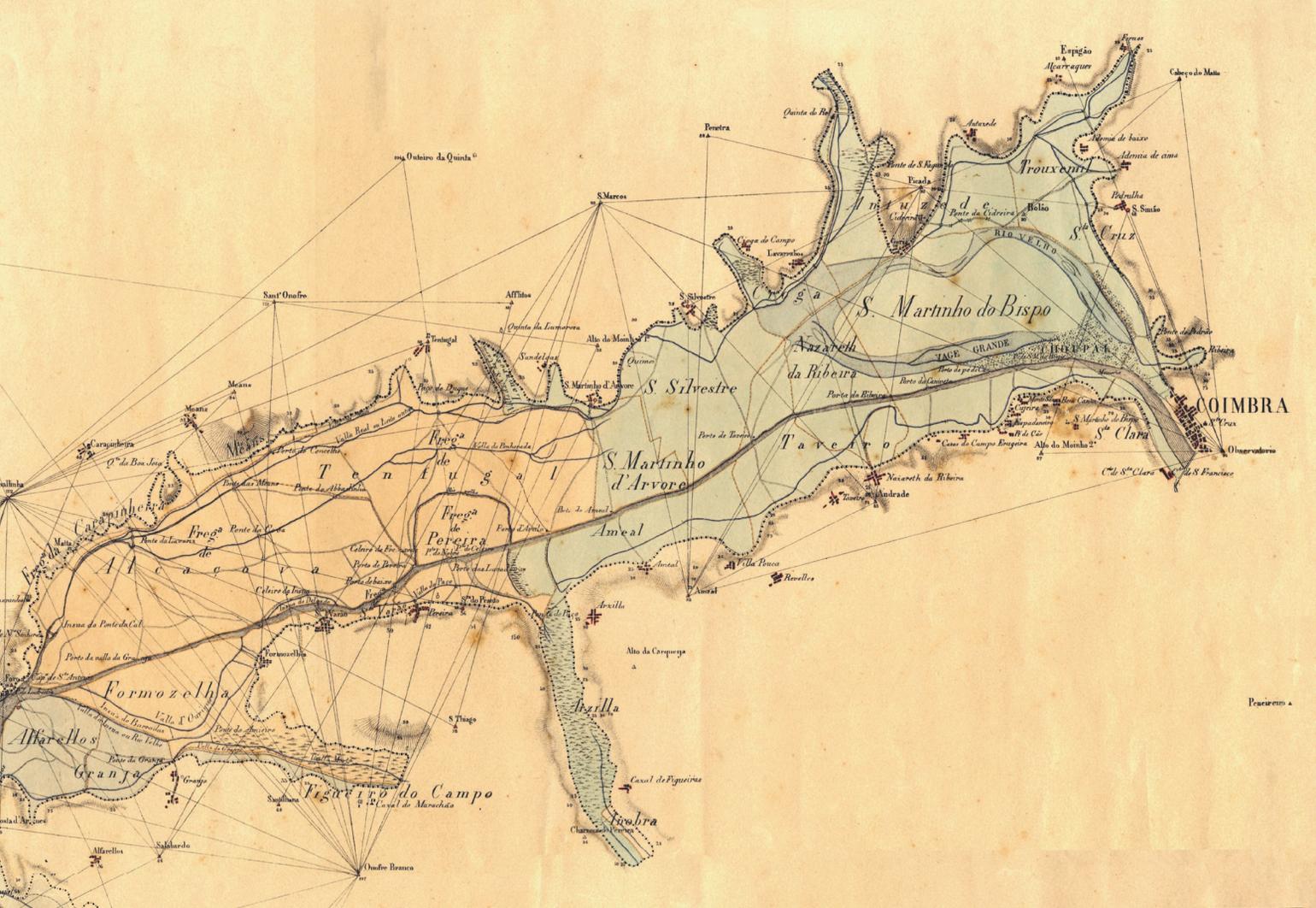
Ana Margarida Ferreira e Raquel Vilaça

Coordenação



CONVENÇÕES

- Triangulação N.º 17 de Mondogo
- Fundamental
- D.º N.º da Figueira
- D.º da Ilhada
- D.º da S.ª
- D.º das Casellas
- Superfície do D.º
 - Cumbrão
 - Monte-morvelho
 - S.º
 - Figueira
 - Cumbrão
- D.º das Freguesias
- Perímetros das maximas áreas



PLANTA PROVISORIA
 DOS
CAMPOS MUNDADOS PELAS MAXIMAS CHEIAS DO MONDEGO
 SEUS
 Afluentes e Vallas
 DESDE

*Coimbra até à sua Foz na Villa da Figueira para servir de base ás das posteiros
 dos 24 Art. 3.º da Lei de 12 d. Agosto de*

1836.
 LEVANTADA SOB A DIRECÇÃO DO CONSELHEIRO

F. FOLQUE

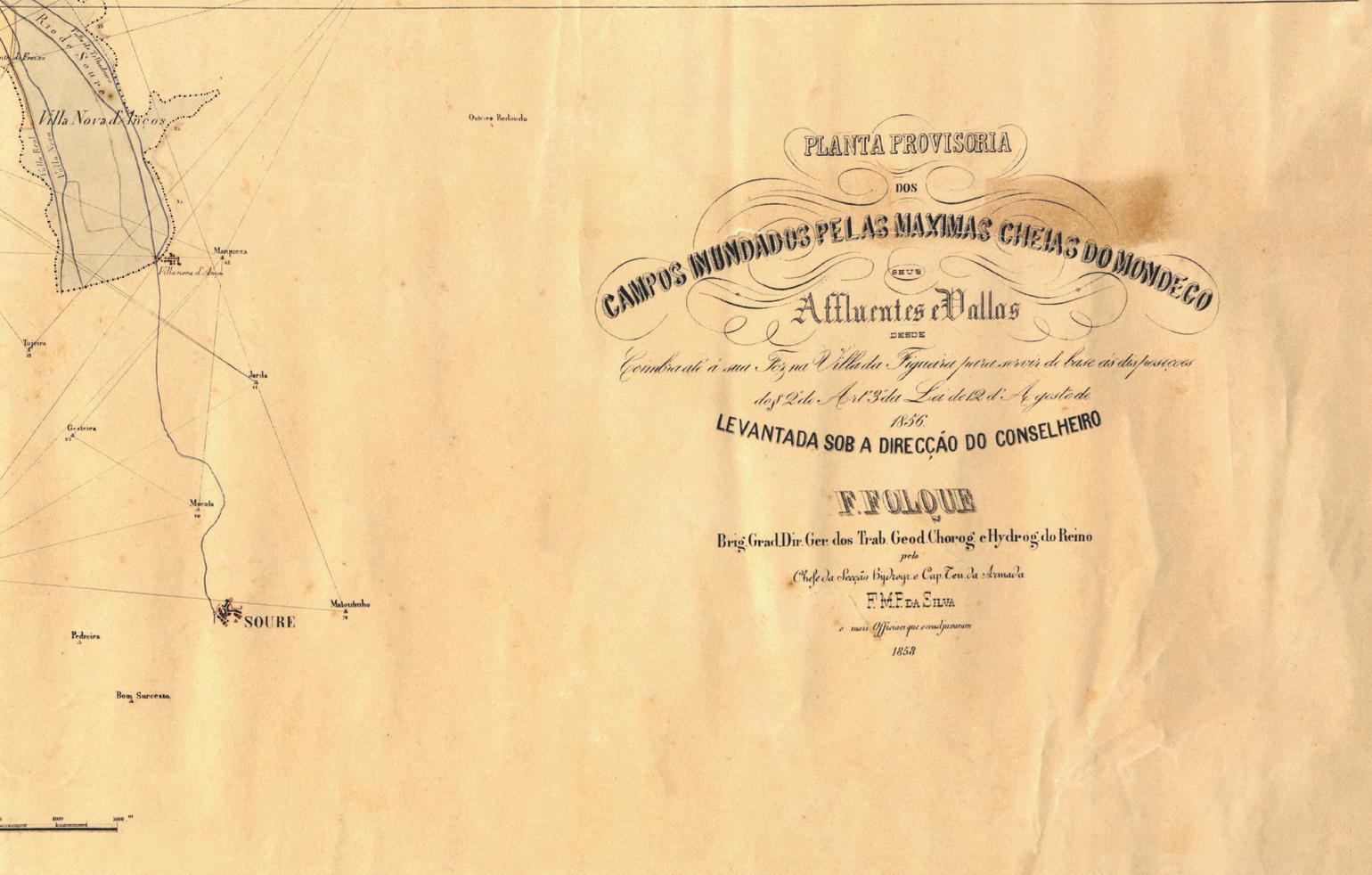
Brig. Grad. Dir. Ger. dos Trab. Geod. Chorog. e Hydrog. do Reino
 pelo

Chefe da Secção Hydrog. e Cap. Ten. da Armada

F. M. F. DA SILVA

o mais Officiosa que se conjuntem

1838



Bom Sucesso



SANTOS ROCHA

ARQUEOLOGIA
E TERRITÓRIOS
DA FIGUEIRA DA FOZ

SANTOS ROCHA, ARQUEOLOGIA E TERRITÓRIOS DA FIGUEIRA DA FOZ

Coordenação
Ana Margarida Ferreira e Raquel Vilaça

Livro do Colóquio
realizado na Figueira da Foz, de 21 a 23 de novembro de 2019

Figueira da Foz | Coimbra
2021



FICHA TÉCNICA

Título

Santos Rocha, Arqueologia e Territórios da Figueira da Foz

Edição

Município da Figueira da Foz | Departamento de Cultura e Turismo
Universidade de Coimbra | Faculdade de Letras | Instituto de Arqueologia

Coordenação

Ana Margarida Ferreira e Raquel Vilaça

Coleção

Conimbriga Anexos 7

Revisão e Edição de Texto

Anabela Bento

Design

Ana Teresa Lopes e Eduardo Oliveira

Impressão

Prodimprensa, C.R.L.

Tiragem

600 Exemplares

ISBN

978-989-8903-48-8

Depósito Legal

482980/21

Figueira da Foz | Coimbra

2021

ÍNDICE

- 8 - 9 Mensagem do Presidente da Câmara Municipal da Figueira da Foz
Carlos Monteiro
- 10 - 15 Apresentação de um colóquio e um livro por Santos Rocha
Ana Margarida Ferreira e Raquel Vilaça
- 16 - 43 Hacer arqueología: investigación, difusión y defensa del rigor e independencia disciplinar
Doing archaeology: research, dissemination and defense of accuracy and disciplinary independence
Gonzalo Ruiz Zapatero
- 44 - 61 Considerações sobre o papel da Geologia e seus atores no universo arqueológico de António dos Santos Rocha
Thoughts on the role of Geology and its actors in the archaeological universe of António dos Santos Rocha
Pedro Miguel Callapez, José Manuel Brandão, Miguel de Carvalho, Pedro Alexandre Dinis, Ricardo Jorge Pimentel, José M. Soares Pinto, Rodrigo Pinto, Pedro Santarém Andrade, Luís Manuel Simões, Fernando Carlos Lopes e Elsa Carvalho Gomes
- 62 - 75 Entre cortesia e partilha científica: as moldagens arqueológicas oferecidas por Nery Delgado ao Museu Municipal da Figueira da Foz (1894)
Between courtesy and scientific sharing: the archaeological casts offered by Nery Delgado to the Figueira da Foz Municipal Museum (1894)
José Manuel Brandão
- 76 - 95 Santos Rocha, arqueólogo de corpo inteiro e, portanto, também protector dos monumentos megalíticos da Figueira da Foz
Santos Rocha, fully fledged archaeologist and therefore also protector of the megalithic monuments of Figueira da Foz
Raquel Vilaça e Ana Margarida Ferreira
- 96 - 109 O Dólmen do Cabeço dos Moinhos (Serra da Boa Viagem, Figueira da Foz): contributo para o estudo das práticas funerárias pré-históricas do Centro de Portugal
The Megalithic Monument of the Cabeço dos Moinhos (Serra da Boa Viagem, Figueira da Foz): contributions to the study of prehistoric funerary practices of the Centre of Portugal
Ana M. S. Bettencourt, Ana Maria Silva, Cláudia Costa, Sofia Tereso e Carlos S. Cruz
- 110 - 127 Os ocupantes dos monumentos megalíticos da região da Figueira da Foz escavados por Santos Rocha: o que os seus restos ósseos nos revelam
The occupants of the megalithic monuments of the region of Figueira da Foz excavated by Santos Rocha: what their bones reveal us
Ana Maria Silva

- 128 - 137 Contributo para o estudo da ocupação pré-histórica da Figueira da Foz: a “Estação Humana do Arneiro”
Contribution to the study of the prehistoric occupation of Figueira da Foz: the “Estação Humana do Arneiro”
Carlos E. F. Batista e Ana M. S. Bettencourt
- 138 - 149 Um punhal de cobre esquecido, um sítio (re)encontrado: Loriga (Alhadas de Baixo, Figueira da Foz)
A forgotten copper dagger, a (re)discovered site: Loriga (Alhadas de Baixo, Figueira da Foz)
Ana Rita Pereira, Carlo Bottaini e Raquel Vilaça
- 150 - 161 Contributos para o estudo do depósito metálico de Espite (Ourém)
Contributions to the study of the Espite metallic hoard (Ourém)
Pietro Musso Mack, Xosé-Lois Armada e Raquel Vilaça
- 162 - 175 Os Cacos. Sempre os Cacos... Notas sobre a produção de cerâmica em Santa Olaia na Idade do Ferro
Revisiting Potsherds, time after time... Remarks about pottery production at Santa Olaia during the Iron Age
Sara Oliveira Almeida, Maria Isabel Prudêncio, Rosa Marques, Maria Isabel Dias e Dulce Russo
- 176 - 191 Sobre as mais antigas mós circulares rotativas no ocidente da Península Ibérica: os trabalhos de Santos Rocha nos povoados da Idade do Ferro do baixo Mondego (Santa Olaia e Crasto de Tavarede)
On the most ancient rotary querns in the westernmost area of the Iberian Peninsula: the evidence from Santos Rocha excavations at the lower Mondego River valley Iron Age settlements (Santa Olaia and Crasto de Tavarede)
Carlos Fabião
- 192 - 201 A fauna de Santa Olaia: estudo do material osteológico recolhido na intervenção arqueológica de emergência de 1993-1994
Santa Olaiá's fauna: study of the osteological material collected in the emergency archaeological intervention of 1993-1994
Rodrigo Pinto
- 202 - 213 Elementos para o estudo da ocupação romana na foz do Mondego
Elements for the study of roman occupation at the mouth of Mondego
Marco Penajoia
- 214 - 233 Um farol romano na foz do rio Mondego?
A roman lighthouse at the mouth of the river Mondego?
Vasco Gil Mantas

- 234 - 243 O contributo da fotogrametria na arqueologia: o caso de estudo da muralha nascente do forte de Santa Catarina (Figueira da Foz, Portugal)
The contribution of photogrammetry in archaeology: the case study of the east wall of Santa Catarina fort (Figueira da Foz, Portugal)
Bruno Freitas e Marco Penajoia
- 244 - 255 A exploração da mina de carvão do Cabo Mondego: breve apontamento sobre um património degradado
The exploration of the Cape Mondego coalmine: a brief note on a degraded heritage
José M. Soares Pinto, Pedro Miguel Callapez, José Manuel Brandão e Rodrigo Pinto
- 256 - 267 Sobre a importância da ocorrência de celestite no Cabo Mondego: singularidade, importância científica e implicações materiais
On the importance of celestite occurrence in Cabo Mondego (Jurassic, West Portugal): uniqueness, scientific importance and material implications
Ricardo Jorge Pimentel, José M. Soares Pinto, José Manuel Brandão, Pedro Miguel Callapez e Rodrigo Pinto
- 268 - 277 Do Cabo Mondego à Estação CP – António da Silva Guimarães e a Linha do Americano
From Mondego Cape to the railway station – António da Silva Guimarães and the “Americano” railway
Inês Pinto e Ana Domingues
- 278 - 289 Materiais (arqueológicos) para a História da Figueira nos séculos XVIII e XIX
(Archaeological) materials for the History of Figueira in the 18th and 19th centuries
José Ricardo Nóbrega
- 290 - 305 R. Laidlaw & Son, Glasgow. O contributo da diversificação do investimento britânico no estrangeiro para a modernização dos sistemas urbanos de distribuição de água na Figueira da Foz
R. Laidlaw & Son, Glasgow. The contribution of the diversification of British investment abroad to the modernization of urban water distribution systems in Figueira da Foz
José Ricardo Nóbrega e Cláudia Figueira
- 306 - 315 Princípios para a valorização do Património Industrial do Cabo Mondego
Principles for enhancing the Industrial Heritage of the Mondego Cape
Francisco Velho da Costa
- 316 - 323 Património Industrial – Que Futuro? | Mesa-redonda
Industrial Heritage – What Future? | Round table discussion
- 324 - 335 Memória do Colóquio
Colloquium Memory

Elementos para o estudo da ocupação romana na foz do Mondego

Elements for the study of roman occupation at the mouth of Mondego

Marco Penajoia¹

¹ Museu Municipal Santos Rocha, Divisão de Cultura, Município da Figueira da Foz | arqueologia.museu@cm-figfoz.pt
Univ Coimbra, Centro de História da Sociedade e da Cultura, FLUC | penajoia@fl.uc.pt

RESUMO

No intuito de melhorar o conhecimento inerente à ocupação romana do território da Figueira da Foz, apresenta-se uma breve revisão de alguns fragmentos cerâmicos depositados no Museu Municipal Santos Rocha. São colocados à discussão materiais identificados por Santos Rocha, bem como outros, provenientes de prospeções arqueológicas mais recentes. Estes são oriundos de sítios geoestratégicos, apresentando-se num quadro de dinâmica flúvio-marítima, onde se enquadra o interface marítimo com o rio Mondego/Pranto e os seus paleoleitos associados. Nesse âmbito chamamos a atenção para os achados dos fornos da Pedrulha (Brenha) e Vale do Gonçalo (Alhadas), do Monte da Amoreira (Maiorca) e da Igreja Velha no Negrote (Alqueidão), a sul do território da Figueira da Foz.

Palavras-chave: Foz do Mondego; Museu Santos Rocha; Ocupação Romana; Fornos; Almofariz; Dramont D2.

ABSTRACT

In order to improve the knowledge inherent to the Roman occupation of the Figueira da Foz territory, is presented a brief review of some ceramic fragments deposited in the Santos Rocha Municipal Museum. Materials identified by Santos Rocha, as well as others, from more recent archaeological prospecting, are brought up to discussion. These materials come from geostrategic sites, and part of them are in a framework of sea-river dynamics, which fits the maritime interface with the Mondego/Pranto river and its former associated watercourses. In this context we draw attention to the findings of the ovens of Pedrulha (Brenha) and Vale do Gonçalo (Alhadas), Monte da Amoreira (Maiorca) and the Igreja Velha do Negrote (Alqueidão), in the south of Figueira da Foz territory.

Keywords: Mouth of Mondego; Santos Rocha Museum; Roman Occupation; Ovens; *Mortarium*; Dramont D2.

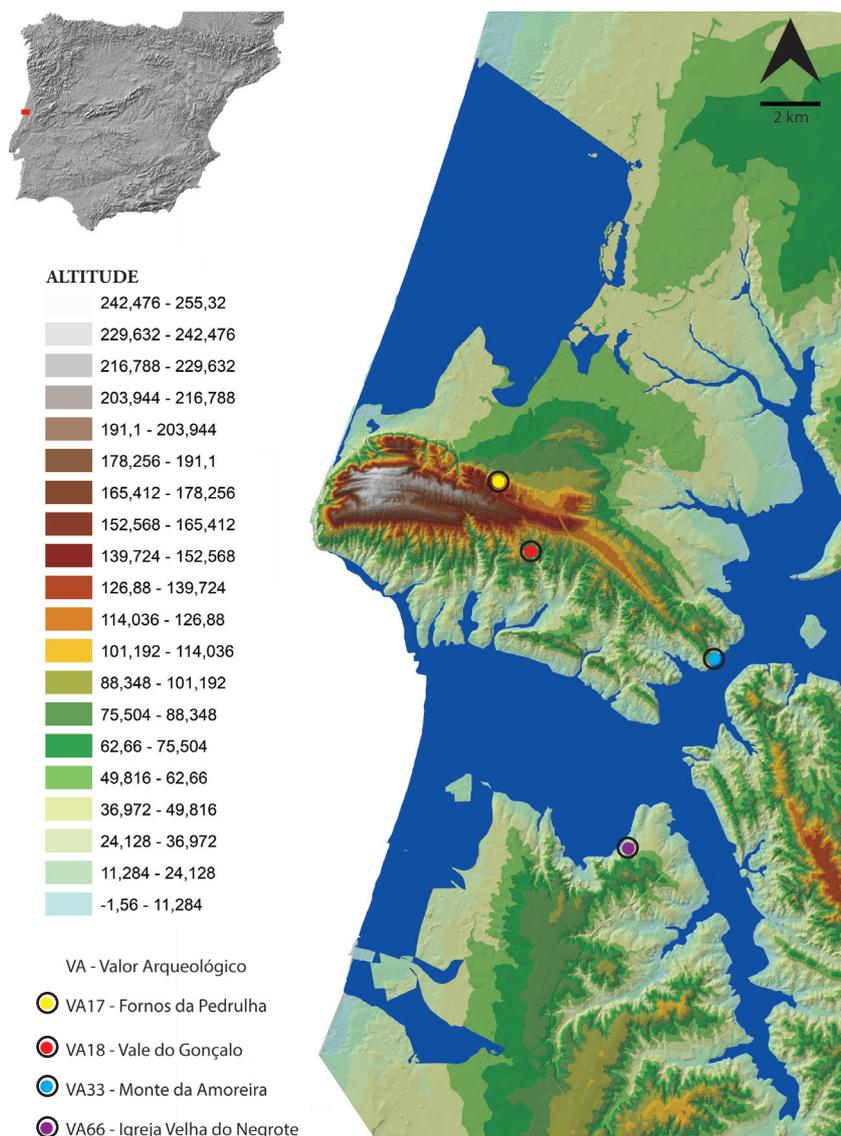
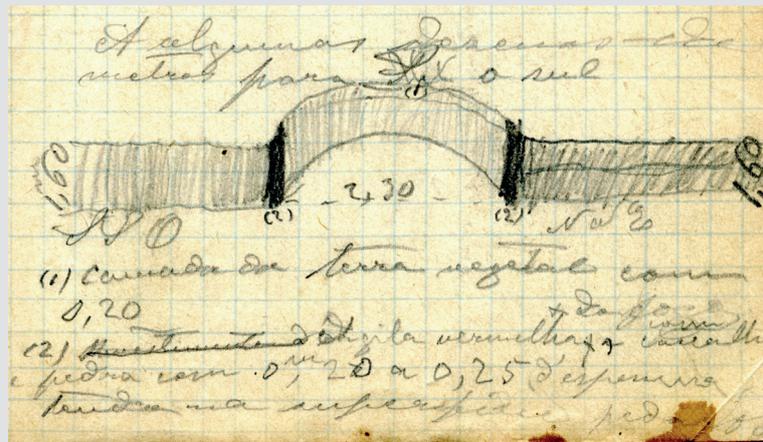


Figura 1 - Carta de localização dos sítios abordados com valor arqueológico. Modelo tridimensional de terreno, com base na sobreposição da rede hidrográfica atual, das áreas de máxima inundação e do cordão dunar, combinado com o conhecimento arqueológico atual. Reconstituic o da linha de costa a partir dos trabalhos de Danielsen (2008) e Danielsen *et al.* (2008). Base cartográfica do Museu Municipal Santos Rocha. Câmara Municipal da Figueira da Foz/SIG.

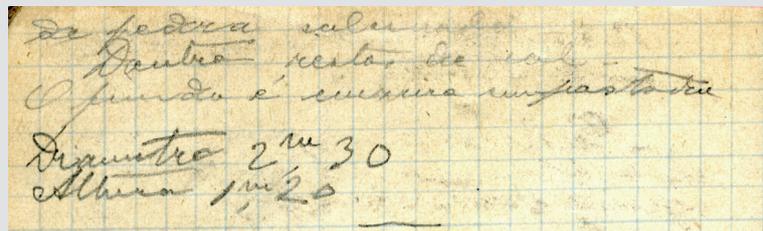
Fornos romanos

Santos Rocha identificou, mesmo em frente   estac o arqueológica do Arneiro, num sítio denominado Pedrulha/Brenha (VA17), três fornos romanos, dois para cer mica e um para cal, cortados pelas obras de alargamento da estrada ou de outras infraestruturas (Fig. 1). No Vale do Gonçalo/Alhadas, microtop nimo Terras da Fonte (VA18), apareceu outro forno para fabrico cerâmico (Rocha, 1897).

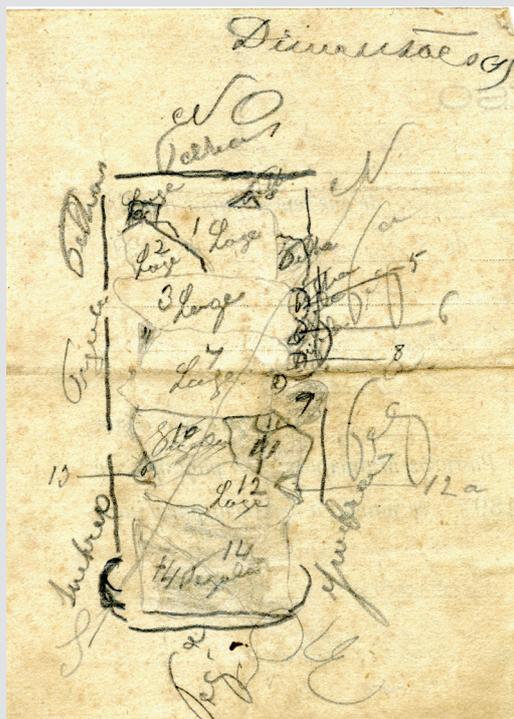
Parte do espólio que chegou aos nossos dias, referente aos fornos, não indicava a sua proveniência ou a que forno específico pertencia, levando a uma forte possibilidade de vários materiais estarem trocados. Assim, num primeiro momento, procedemos a uma análise criteriosa e respetiva comparação das descrições de Santos Rocha com as peç as do acervo do Museu (Fig. 2 e Fig. 3).



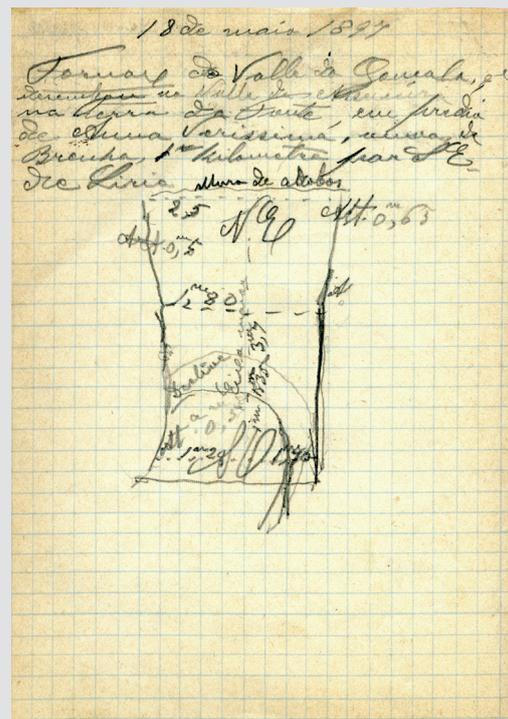
A



B



C



D

Figura 3 - Croquis de Santos Rocha relativos aos fornos, desenhados num caderno de notas com 14,3x10 cm (Rocha, 1896-1906).

A e B - Forno 2: Pedrulha, Brenha; de morfologia circular com Ø de 3 m; para produção de cal.

C - Forno 3: Pedrulha, Brenha; indicia uma morfologia quadrangular; para produção de imbrices.

D - Forno de Vale do Gonçalo: Terras da Fonte, Alhadãs; para produção de tégulas e imbrices.

O segundo momento passou por analisar e tratar alguns materiais, verificar possibilidades de colagem, características funcionais e outras marcas que não foram registadas por Santos Rocha. Constatamos assim que:

- Se evidenciam fragmentos de tégulas com erros de produção (Forno 1? da Pedrulha); fragmento de adobe com marcas de cal (Fig. 4A) e madeira carbonizada (Fig. 4B).

- O fragmento de lar com agulheiro, que pela nossa análise corresponde a dois fragmentos, levanta-nos uma problemática ao nível da sua proveniência (Fig. 5). A observação efetuada leva-nos a propor a sua atribuição ao Forno de Vale do Gonçalo e não ao da Pedrulha, como estava estabelecido. Esta observação sai reforçada quando confirmamos as dimensões que

o arqueólogo figueirense fornece para o artefacto de Vale do Gonçalo: espessura 21 cm; Ø entre 3 cm e 4,5 cm, bem como a presença de um agulheiro (Rocha, 1897: 259-264).

Outra situação pertinente diz respeito às marcas de agulheiros transversais que Santos Rocha refere. Apesar das medidas se aproximarem, não estamos certos de que estas marcas estejam ligadas aos agulheiros, podendo ser negativos de materiais perecíveis relacionados com a construção do forno, como aconteceu no forno de Santa Olaia (Rocha, 1971: 40-41). Este agulheiro apresenta parte da base estrutural.

Assim, este fragmento poderia estar associado ao pavimento do forno que faz a transição do lar com o “laboratório” – zona de cozedura das peças.

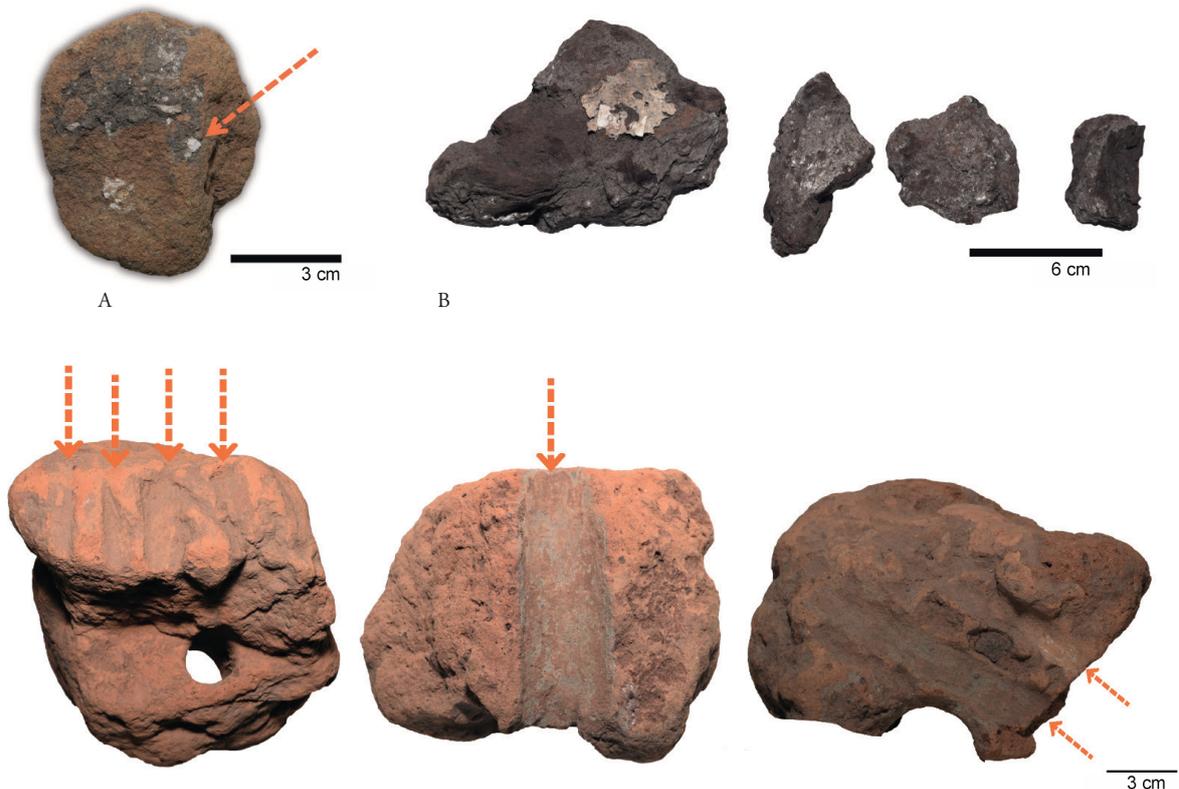


Figura 4 (em cima) - Forno 2 da Pedrulha, fragmento de adobe com marcas de cal (A) e madeira carbonizada (B).

Figura 5 (em baixo) - Forno de Vale do Gonçalo, fragmento de lar com agulheiro e possíveis marcas de agulheiros transversais.



Figura 6 - Agulheiro pertencente ao Forno 3 da Pedrulha, apresenta possíveis marcas de material perecível e manchas de carbonização.

- O artefacto respeitante ao Forno 3 da Pedrulha (Fig. 6), depois de analisado, observa-se que existe outro fragmento que o complementa evidenciando assim uma boa parte do agulheiro. Apresenta um aspeto totalmente carbonizado e possíveis marcas de incrustações de material perecível resultante da construção da parede do forno.

- Associado ao espólio dos fornos está também uma peça pseudo-quadrangular, atravessada longitudinalmente por um orifício cilíndrico (\varnothing 2 cm). Apresenta uma largura de 12 cm, altura de 11 cm e uma espessura máxima conservada de 10 cm. Fica em aberto o estudo desta peça (Fig. 7A).

- Os imbrices resultantes do Forno 3 denotam ser erros de produção, já que aparentam um excesso de cozedura. Revelam decoração digitada, que pode estar relacionada com a Antiguidade Tardia.

- A telha curva proveniente do Forno de Vale do Gonçalo, também parece evidenciar uma peça com erro de produção – excesso de cozedura e com uma fratura na face posterior.

- A amostra de *opus signinum* e os fragmentos cerâmicos de construção (canalização?) (Fig. 7B e C) que estão associados ao espólio dos fornos da Pedrulha levanta-nos alguns problemas:

1. A sua proveniência está atribuída (cota na reserva do Museu) como provinda da estação

da Pedrulha de Brenha. Efetuando uma revisão bibliográfica aos estudos de Santos Rocha e respetiva análise verificamos uma forte possibilidade de estes materiais serem antes originários da estação da Pedrulha/Alhadas. Esta hipótese ganha força, sobretudo pela descrição de Santos Rocha para este sítio na revista *Portugalia*, em que dá conta de “fragmentos de grandes telhões curvos” (Rocha, 1900: 593-595). O *Catálogo Geral* não é objetivo relativamente à proveniência, somente referindo “Pedrulha” (Rocha, 1905: 152).

2. Confirmando-se uma proveniência em contexto de fornos, teríamos aqui uma problemática relativa à sua aplicabilidade e funcionalidade. Santos Rocha define-os como “fragmentos de telhões romanos de cobrir canos” (*idem*). Que escala teria uma produção deste tipo de materiais? Uma produção local para uma necessidade pontual? Sabemos que as canalizações romanas utilizam materiais cerâmicos e de diversas tipologias para conceber estruturas em canal, sobretudo nas cidades (Triães *et al.*, 2002 e Teixeira, 2012: 61). Estes materiais estão associados a hipocaustos ou a canalizações e saneamentos, nesse sentido temos alguns paralelos existentes em Conimbriga (análise às espessuras e diâmetros) relacionados com fragmentos de pavimento da *suspensura* das termas

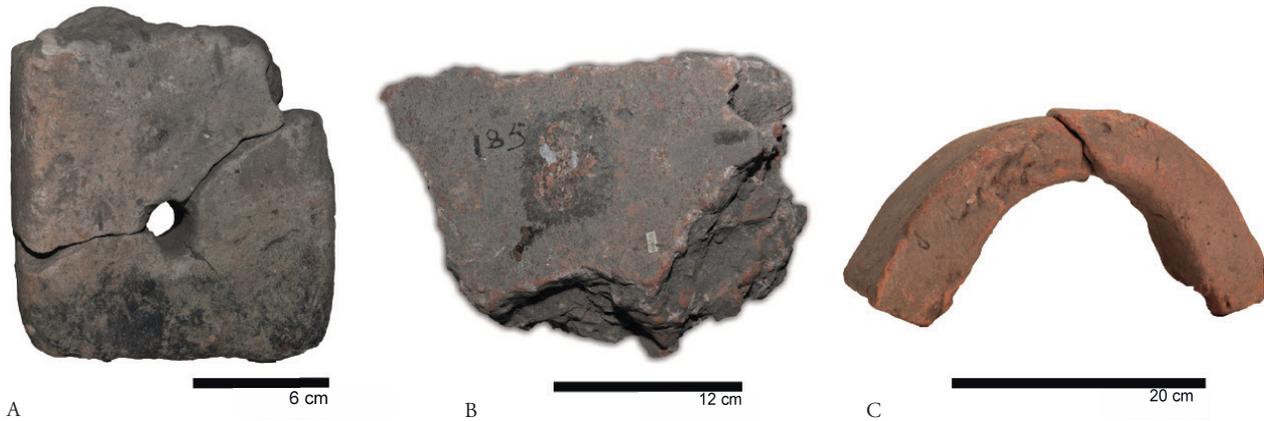


Figura 7 A - Peça pseudo-quadrangular, atravessada longitudinalmente por um orifício cilíndrico; B - Fragmento de *opus signinum*; C - Fragmento cerâmico de construção: canalização?

da casa de Cantaber, bem como das latrinas das termas sul (Alarcão e Étienne, 1977: 152).

3. A sua funcionalidade pode advir da própria conceção e arquitetura de um forno, visto que os elementos de canalização podem ser aqui utilizados para extrair gases evitando a respetiva entrada na câmara de cozedura (Santos, 2012).

4. O fragmento de *opus signinum* que está classificado como proveniente do Vale do Gonçalo levanta-nos muitas dúvidas, visto que é bastante problemática a sua relação com o espólio dos fornos. Não estará antes relacionado com a *villa* romana da Pedrulha/Alhadassas? Mencione-se ainda, que as leis municipais romanas obrigam à construção de fornos cerâmicos fora dos perímetros urbanos. Normalmente estão perto das *villae*, nas zonas de estaleiro de construção.

Quanto à tipologia destes fornos, segundo Alarcão (2004), pode enquadrar-se nos fornos de grelha, que teriam um pavimento em barro, o lar perfurado por crivos ou agulheiros, de modo que o forno consta de um andar inferior, a câmara de combustão ou caldeira, e de um superior, a câmara de cozedura. Fornos de tiragem vertical, nos quais o ar quente subia da câmara de combustão à cozedura, através de agulheiros, e saía por um orifício praticado no topo da cúpula, eram os mais comuns.

Os fornos podiam ser circulares ou retangulares, os primeiros mais adequados à cozedura de louça doméstica e os segundos, à de cerâmica de construção, situação em que se enquadra o terceiro forno da Pedrulha, provavelmente quadrangular e para produção de imbrices.

Em Brenha, a continuidade da utilização de fornos de cozer telha foi evidente até há pouco tempo. Podemos verificar essa longa diacronia através do *Catálogo Geral* de 1905 (n.º 5505 – telha curva datada de 1767) e também pela sua marcação no registo cartográfico (Fig. 8). Não muito longe da zona destes fornos verifica-se, nas vertentes sul, solos propícios para matérias-primas e várias linhas de água essenciais nesta “indústria” poluente. É o caso das que abastecem o Vale de Sampaio e o Vale de Alfarelos, este último detentor de um microtopónimo relacionado com olarias.

Analisando também os cadernos de campo de Mesquita de Figueiredo identificámos uma referência à estação arqueológica do Crasto/Tavarede que descreve o seguinte: “no corte da trincheira estão metidos vários troncos carbonizados, de que eu trouxe alguns carvões, assim como um bocado de um agulheiro de um forno romano como os que já tenho da Pedrulha” (Figueiredo, 1898).

Em Santa Olaia também temos a indicação de um forno cerâmico com o lar e uma fila circular de agulheiros, bem como as marcas da estrutura construída em vimes e revestida em argila (Rocha, 1971: 40-41).

Outra referência a um forno de telha localizava-se na Quinta do Ferrestelo, descoberto durante a abertura de uma passagem superior do IP3 (Pereira, 1998: 55-59).

No que respeita a fornos de cal, existiram outros casos, ainda que sem uma cronologia definida. É o caso dos fornos adaptados a partir de dois dólmens existentes junto à capela de Santo Amaro na serra da Boa Viagem (Rocha, 1949: 194) onde recentemente surgiram mais vestígios.

Sítio arqueológico do Monte da Amoreira (Maiorca)

Muito próximo de Maiorca, na margem direita do Mondego, está definida uma zona arqueológica que inclui três pequenos outeiros onde aparecem materiais romanos; de nascente para poente: Outeiro de Mosquitos, Monte do Cavalo e Monte da Amoreira (VA33). Neste último sítio foram recolhidos, em 1992 (prospeções do MMSR), materiais de construção, cerâmica comum e fragmentos de *terra sigillata* (Hispanica tipo Dragendorff 27 e 15/17). Estes três outeiros ficam junto ao Porto de Sanfins, lugar imemorial de atravessamento do rio, decalcado nos nossos dias pela ponte da A14. Estamos diante de uma posição natural, pautada por um claro estreitamento do estuário, que projeta uma zona de afunilamento do rio (tipo portagem). Este facto pode remeter-nos para uma realidade relacionada com características portuárias. Estas são bem evidentes junto às suas zonas baixas, já que apresentam reentrâncias propícias ao abrigo náutico. Na margem oposta fica a capela da N.^a Sr.^a da Saúde de Reveles, com uma localização geoestratégica muito sugestiva (Penajoia, 2012).

Sítio arqueológico da Igreja Velha do Negrote (Alqueidão)

Deste sítio são provenientes os fragmentos de uma ânfora de tipologia Haltern 70, datável dos meados do século I a.C. a meados/ finais do I d.C. (Fig. 9 A) e de um almofariz (*mortarium*) que se conservam na reserva de arqueologia do Museu. Analisando o almofariz verificamos que a entrada desta peça no acervo do Museu está registada no *Catálogo Geral* com o n.º 4374 e com a designação de “fragmento de um vaso” (Rocha, 1905: 140). Trata-se de um almofariz de tipologia Dramont D2, de fabrico centro-italico e sem marca de oleiro conservada (Fig. 9B). Esta tipologia está relacionada com a abundante representatividade destes almofarizes provenientes do naufrágio, com o mesmo nome, sucedido na costa francesa.

Este exemplar deverá enquadrar-se na época Flaviana conforme análise do bordo tipo 3 de Aguarod Otal (1991: 141) e nas semelhanças de um exemplar de *Caeseraugusta* (*Idem, Ibidem*: fig. 34-3).

Descrição morfológica – Fragmento de bordo largo desenvolvido externamente e, espessado de secção amendoada. Paredes espessas de tendência hemisférica. Amplo vertedor, com canal de drenagem de forma troncopiramidal e flanqueado por dois sulcos oblíquos. Apresenta um Ø de 44 cm aproximadamente.

Análise petrográfica – Executada no Laboratório de Petrologia (DCT-UC). Pasta globalmente de granulometria fina com coloração interior e exterior tendencialmente bege/rosada 5YR 8/4. Ao nível dos ENPS verificam-se minerais geralmente não angulosos e de calibre pequeno: micas; biotites; moscovite; quartzos; piroxenas alongadas e chamota. A zona de superfície aparenta um acabamento de engobe. Apresenta nas zonas laterais do vertedor e no reverso uma pasta bastante granulosa com matriz de quartzo com alguns nódulos de cal. Trata-se possivelmente de argamassa. Esta observação levanta a problemática em torno do segundo momento funcional desta peça. Estaria adaptada e consolidada

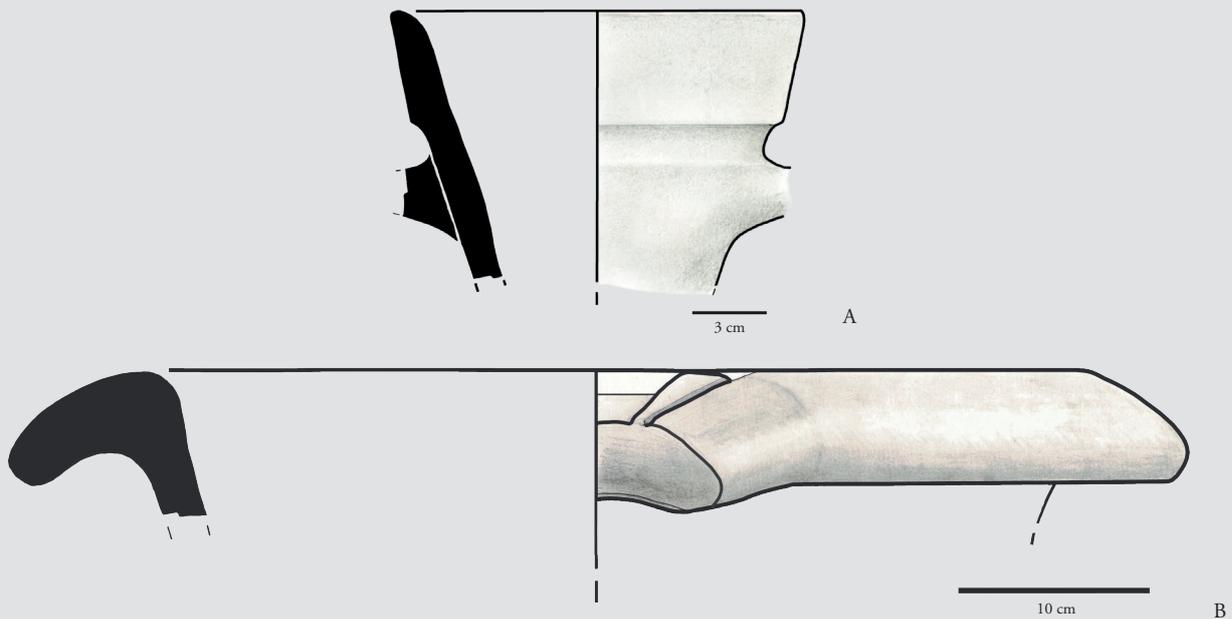
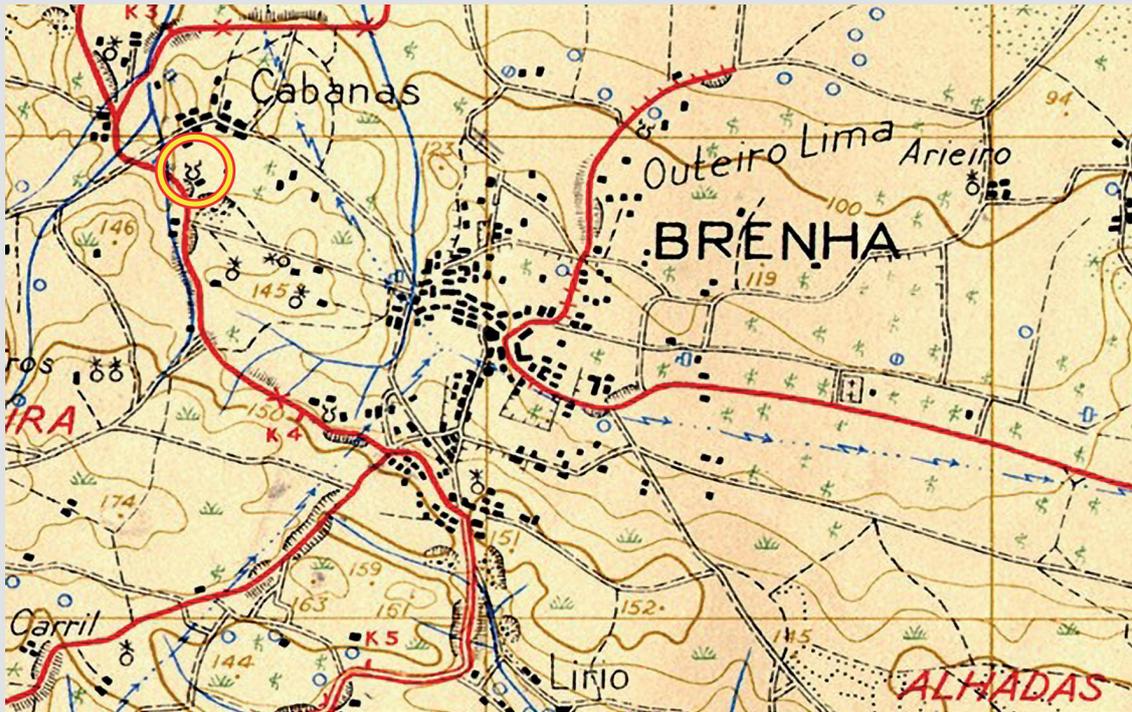


Figura 8 (em cima) - Localização e permanência de um forno de telha, junto à área onde Santos Rocha interveio. Adaptado da Carta Militar de Portugal, Escala 1: 25.000, Folha 249, 1947.

Figura 9 (em baixo) A - Ânfora Haltern 70 proveniente do sítio da Igreja Velha do Negrete; B - Almofoariz (*mortarium*) tipo Dramont D2 proveniente do sítio da Igreja Velha do Negrete.

numa estrutura ou, simplesmente, reaproveitada num qualquer aparelho construtivo local?

Atualmente o estudo de almofarizes romanos começa a integrar uma especialidade dentro da ceramologia romana. Para além da cozinha poderia estar relacionado com “outras funções como as ligadas à obtenção de produtos medicinais ou de beleza (como por exemplo, a preparação de cremes e pinturas com fins de aplicação cosmética), ou à maceração de vísceras de peixes destinada à preparação de molhos do tipo *garum* ou de *liquamen*” (Sepúlveda *et al.*, 2007: 256). O estudo destes almofarizes permite analisar a dimensão económica romana, apoiar a sua definição cronológica, bem como avaliar a dinâmica de aquisição de hábitos culturais itálicos (Silva, 2015: 1).

Considerações finais

1. O presente trabalho enquadra-se na organização e estudo de espólio museológico em reserva e proveniente de três sítios arqueológicos pouco explorados e com características de ocupação romana.

2. Procedemos ao levantamento de 19 artefactos cerâmicos respeitantes aos fornos da Pedrulha (Brenha) e Vale do Gonçalo/Terras da Fonte (Alhadas); 12 relativos à estação do Monte da Amoreira e 2 provenientes da estação da Igreja Velha do Negrote (Alqueidão).

3. Para além das características funcionais e produtivas que, por exemplo os fornos teriam, falta cruzar a organização espacial do povoamento romano na foz do Mondego e perceber onde estariam os recursos marinhos (Fabião, 2004). Nesse sentido, encetámos um ensaio de localizações e distâncias em linha reta entre algumas estações romanas neste território, onde a média ronda os 6 km. Analisando a geomorfologia do território fica evidente que a dinâmica flúvio-marítima, integrando o sistema hídrico Mondego/Pranto/Arunca e os seus paleoleitos associados foram

cruciais, não só para o estabelecimento geoestratégico desta malha de povoamento, mas também para as vias de comunicação que seriam sobretudo de pendor náutico.

4. O almofariz de fabrico centro-itálico proveniente da Igreja Velha do Negrote é de facto uma peça ímpar, já que não se conhecem muitos em território nacional (Penajoia, 2020). Tratava-se de “uma peça indispensável dentro da cozinha romana e o seu uso é um bom indício do grau de romanização dos povos que o utilizam” (Aguarod Otal, 2017: 55). A análise petrográfica evidenciou uma possível adaptação estrutural desta peça visível através de vestígios de argamassa.

Agradecimentos

Aos Doutores Carlos Fabião, Carmen Aguarod Otal, Helena Catarino, Lídia Catarino, Virgílio Correia e José Ruivo. À equipa técnica do Museu Municipal Santos Rocha, ao Eduardo Oliveira e José Franco.

Referências bibliográficas

AGUAROD OTAL, Carmen (1991). *Cerámica común romana de cocina en la Tarraconense*. Saragoça: Institución “Fernando el Católico”.

AGUAROD OTAL, Carmen (2017). Cerámica común de mesa y de cocina en el valle del Ebro y producciones periféricas. In OCHOA, Carmen F.; MORILLO, Ángel y ZARZALEJOS, Mar (eds.), *Manual de cerámica romana II: cerámicas romanas de época altoimperial en Hispania: importación y producción*. Alcalá de Henares: Museo Arqueológico Regional, pp. 15-95.

ALARCÃO, Jorge de e ÉTIENNE, Robert (1977). *Fouilles de Conimbriga I, L'architecture*. Paris: De Boccard.

ALARCÃO, Jorge de (2004). *Introdução ao estudo da tecnologia romana*. Design de José Luís Madeira. Coimbra: Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

DANIELSEN, Randi (2008). Palaeoecological development of the Quiaios-Mira dunes, northern-central littoral Portugal. *Review of Palaeobotany and Palynology*, 152 (1-2), pp. 74-99.

DANIELSEN, Randi *et al.* (2008). Evolução da paisagem a norte do Cabo Mondego durante os últimos milhares de anos. In LOPES, F. C. e CALLAPEZ, P. M. (eds.), *Por terras da Figueira*. Figueira da Foz: Kiwanis Clube da Figueira da Foz, pp. 45-53.

FABIÃO, Carlos (2004). Centros oleiros da Lusitania: Balanço dos conhecimentos e perspectivas de investigação. *Actas del Congreso Internacional FIGLINAE BAETICAE. Talleres alfareros y producciones cerámicas en la Bética romana (ss. II a.C. - VII d.C.)*. Universidad de Cádiz, Noviembre 2003, B.A.R., int. ser., 1266, Oxford, pp. 379-410.

FERREIRA, Ana e PINTO, Sónia (2017). Análise e Diagnóstico Património Classificado e Referenciado - Doc. final. *Secção 2 Carta municipal de arqueologia*. Divisão de Urbanismo, Subunidade de Planeamento, Divisão de Cultura, Município da Figueira da Foz.

FIGUEIREDO, António M. de (1898). Caderno de campo n.º VII - 3 de Junho a 12 de Outubro [Manuscrito]. Acessível na Biblioteca do Museu Municipal Santos Rocha.

PENAJÓIA, Marco (2012). *A Questão portuária em torno de Montemor-o-Velho: Estudo de Arqueologia*. Coleção Memória e Identidade. Montemor-o-Velho: Câmara Municipal.

PENAJÓIA, Marco (2020). Um almofariz centro-italico na Foz do Mondego. In ARNAUD, José M.; NEVES, César e MARTINS, Andrea (coords.), *Arqueologia em Portugal 2020. Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1323-1333.

PEREIRA, Isabel (1998). *Intervenção arqueológica de emergência em Santa Olaia e Ferrestelo*. Relatório Vols. 1, 2 e 3. Figueira da Foz: IPPAR.

ROCHA, António S. (1897). Fornos Luso-Romanos da Freguesia de Brenha. *Memórias sobre a Antiguidade*. Figueira: Imprensa Lusitana, pp. 259-264.

ROCHA, António S. (1896-1906). Apontamentos archeologicos [Manuscrito]. Acessível na Biblioteca do Museu Municipal Santos Rocha.

ROCHA, António S. (1900). Estação luso-romana da Pedrulha. *Portugalia*, 1 (3), Porto, pp. 593-595.

ROCHA, António S. (1904). Estação luso-romana da Pedrulha, *Boletim da Sociedade Arqueológica Santos Rocha*, n.º 1, Sessão plenária de 28 de Outubro de 1900. Figueira: SSASR, pp. 15 e 16.

ROCHA, António S. (1905). *O Museu Municipal da Figueira da Foz. Catálogo Geral*. Figueira da Foz: Imprensa Lusitana.

ROCHA, António S. (1949). Memórias e Explorações Arqueológicas, Vol. I: *Antiguidades Pré-Históricas do Concelho da Figueira da Foz*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

ROCHA, António S. (1971). Memórias e Explorações Arqueológicas, Vol. II: *Estações Pré-romanas da Idade do Ferro nas vizinhanças da Figueira*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

ROCHA, Artur (2016). *Peça do mês: almofariz*. Museu do dinheiro, 01/24. Lisboa: Banco de Portugal.

SANTOS, César R. dos (2012). *As cerâmicas de produção local do centro oleiro romano da Quinta do Rouxinol*. Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras. Dissertação de Mestrado em Arqueologia.

SILVA, Rodrigo B. (2015). Um almofariz itálico com “marca de oleiro” de *M. COMINIVS SATVRNINVS*, de Lisboa. *Estudos e relatórios de Arqueologia Tagana*, n.º 4. Lisboa: ed. de Autor.

SEPÚLDEVA, Eurico *et al.* (2007). Cerâmicas romanas do lado ocidental do castelo de Alcácer do Sal, 5: almofarizes de produção bética, pesos e cossoiros. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 10, n.º 2. Lisboa, pp. 255-284.

TEIXEIRA, Hélder (2012). *Sistemas de abastecimento e drenagem de água a Bracara Augusta: aquedutos, canalizações e cloacas*. Univ. do Minho, Inst. de Ciências Sociais. Relatório de Estágio - Arqueologia.

TRIÃES, Ricardo; CORREIA, Virgílio e COROADO, João (2002). A utilização dos materiais cerâmicos de construção. *Conimbriga*, XLI, pp. 153-164.



**MUSEU MUNICIPAL
SANTOS ROCHA**
FIGUEIRA DA FOZ
1894 - 2019

figueira
da foz. para todos

 **museu
municipal
Santos Rocha**



APOIOS



 **Tintas Robbialac** S.A.

Revista Conimbriga | Anexos

Coleção do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

CRUZ, Domingos J. da

A Mamoa 1 de Chã de Carvalhal no contexto arqueológico da Serra da Aboboreira

Coimbra, 1992, 180 pág., ilustr., formato 21x29,5 cm

LOPES, Maria da Conceição

A sigillata de Reprezas, tratamento informático

Coimbra, 1994, 258 pág., ilustr., formato 21x29,5 cm

LOPES, Maria da Conceição

A cidade romana de Beja. Percursos e debates acerca da civitas de Pax Iulia

Coimbra, 2003, 392 pág., ilustr., formato 21x27 cm

CARVALHO, Pedro C.

Cova da Beira. Ocupação e exploração do território na época romana

Fundão/Coimbra, 2007, 590 pág., ilustr., formato 16x24 cm

VILAÇA, Raquel

Depósitos de bronze do território português, um debate em aberto

Coimbra, 2007, 150 pág., ilustr., formato 16x24 cm

CORREIA, Virgílio Hipólito

A Arquitectura doméstica de Conimbriga e as estruturas económicas e sociais da cidade romana

Coimbra, 2013, 418 pág., ilustr., formato 16x23 cm

FERREIRA, Ana Margarida e VILAÇA, Raquel (coord.)

Santos Rocha, Arqueologia e Territórios da Figueira da Foz

Figueira da Foz/Coimbra, 2021, 336 pág., ilustr., formato 21x27cm